

## Um velho artesão: a vida sempre encontra um caminho

Eric Gregório Ferreira<sup>1</sup>

### Necessidades e alternativas

Na Baixada Fluminense dos anos 1960, moradores recém-chegados de outras regiões, trouxeram experiências e desejos, amalgamadas com aqueles que já estavam ali presentes. Dentro do modo de vida daquelas pessoas, formaram práticas que se tornaram hábitos e culturas, bem ao modo das sociedades complexas, que são constituídas e caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados (Velho, 2003).

Um bom exemplo é o uso das fibras de palmeiras como a piaçava e o buriti para a confecção de objetos de limpeza. Uma manifestação cultural presente no litoral leste brasileiro, mais precisamente na faixa entre Alagoas e São Paulo. Esta prática consolidada e traz consigo hábitos dos povos indígenas, colonos, escravizados e imigrantes.

Neste enquadramento, a cada nova geração há uma ritualística regional estabelecida pela anterior, de modo que os novos moradores se estabelecem em um local e constituem nele sua família, e seus filhos crescerão em uma sociedade diferente, perante a influência de um novo proceder, criado a partir das vivências já existentes.

A diversidade de povos que formou o subúrbio carioca o caracterizou com costumes bem diferentes dos bairros centrais. A necessidade de sobreviver em um local adverso obrigou os novos moradores a encontrarem meios alternativos para subsistência. Assim, as práticas precárias de manutenção da vida foram lentamente se tornando parte da cultura local.

Para tornar aquele local habitável, muitas obras de infraestrutura foram construídas, mas é obvio que o Estado não estava se importando muito com isso. Assim, os próprios moradores foram, aos poucos, encontrando alternativas (Imagem 1). Abriram estradas, cavaram poços, instalaram a fiação elétrica, entre outras coisas. Evidentemente, nenhuma dessas obras possuíam a melhor qualidade disponível, mas o trabalho rudimentar da população de fato evitou que aquele local se encontrasse em condições ainda piores. Não se trata de promover qualquer discurso desestatizante, e o que vemos é que a maioria desses empreendimentos geraram ruas desalinhadas e estreitas, postes de madeira que frequentemente cediam à autocombustão e água contaminada. Contudo, esse processo serviu bem para a formação de uma identidade cultural naquela região. Um local marcado por grande senso de comunidade, onde todos se conhecem e, na medida do possível, se ajudam.

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada com Luiz Carlos Ferreira em 19 de maio de 2025. A atividade foi desenvolvida a partir da disciplina Biografia e História Pública, ministrada no primeiro semestre pelo professor Frank Antonio Mezzomo, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Pública da Unespar/Campo Mourão.

**Imagem 1:** Populares caminhando por São João de Meriti, 1962



**Fonte:** Imagens da história: Vilar dos Teles.

Manter uma família no subúrbio carioca é um ato de resistência. Uma massa criada apenas para ser força de trabalho jamais conseguiria cuidar de seus filhos como cuidam dos filhos de seus patrões. Muitos ali, nem dormem em casa, vivem para trabalhar e sua maior demonstração de amor é no dia do pagamento. Até hoje, é comum ver grupos de crianças vagando sozinhas pelas ruas daquela região. Na década de 1960, os filhos do primeiro boom populacional também eram assim. Perambulavam pelas ruas em grupos de mais ou menos meia-dúzia, magros, sujos e malvestidos, apenas esperando o momento em que seu corpo estaria pronto para o trabalho. Pequenos adultos, talvez a infância ainda não possuía conhecimento dos novos endereços.

É claro, o instinto da infância ainda estava presente naquelas crianças. Frequentavam a escola, mesmo que de maneira precária. Conviviam em família, mesmo que por pouquíssimo tempo e, é claro, brincavam. De maneira óbvia, não devemos esperar nada muito complexo. Se o povo que vivia naquela região tinha dificuldade para conseguir água e comida, brinquedos sofisticados estariam fora de cogitação. Porém, como a infância sempre encontra um caminho, os retalhos das diversas culturas se uniram a objetos de pouco ou nenhum valor comercial, dando assim, origem a vários brinquedos e brincadeiras extremamente simples. Muitas dessas atividades, necessitavam apenas do corpo dos participantes, outras, de alguns objetos que eram facilmente encontrados nas ruas.

Um exemplo é o tacobol, jogo derivado do cricket que recebe numerosos nomes ao redor do Brasil. Aqui, para jogar é preciso apenas quatro pessoas, dois tacos de madeira, dois alvos e uma bola. Dispensando a estrutura de um campo, qualquer rua ou terreno baldio pode receber uma partida. Os tacos eram pedaços de pau velhos, os alvos eram garrafas ou latas de óleo e a bola era feita com sacolas plásticas e retalhos lançados fora pelas costureiras da região. Dessa mesma maneira, surgiram outras brincadeiras de rua. Futebol onde qualquer coisa se transformava em bola, jogos de bolas de gude com esferas de metal oriundas de rolamentos de máquina quebrados e piões feitos com sobras da marcenaria. Passatempos simples, pois o tempo a passar é curto. Ser criança em tempo integral não era para todos.

Entretanto, nenhum desses jogos chegou próximo da expressão das pipas. Um objeto voador trapezoidal de origem chinesa usado como sinalizador que, nesse ponto, já havia circulado por vários países do globo. Parte constante do imaginário coletivo, estes pequenos

objetos refletem o desejo humano milenar do voo: explorar o inexplorável. De Marco Polo a Benjamin Franklin, passando por Santos Dumont, a importância da pipa na história possui grandes efeitos na cultura. Pensa comigo: qual outro ato mais libertador que a mente de uma criança que está às margens da sociedade pode conceber se não o de voar? Assim, esses pequenos adultos adentravam em bambuzais e piaçabais para coletar varas de madeira, após isso, os afinavam com lâminas para que ficassem do tamanho certo, juntavam os palitos e os amarravam na posição certa formando esqueletos, podendo ou não os contornar com uma linha, e então usavam uma pasta à base de arroz para colar o papel de alguma embalagem na face desta armação, confeccionando assim, sua tão desejada pipa (Imagem 2).

**Imagem 2:** Crianças soltando pipa no conjunto habitacional Cruzada São Sebastião, 1974



**Fonte:** Facebook Rio Antigo – Memórias.

Conforme o tempo passava, o impacto das pipas naquela comunidade apenas aumentava. Certa vez, já na década de 1970, um rapaz um pouco mais abastado, levou àquele bairro alguns mecanismos que permitiram maior automação ao processo de fabricação. Pela primeira vez, o tamanho das pipas foi padronizado através de formas de madeira, podendo também ser usado para fabricar pipas de diversos tamanhos. O papel, agora, era um tipo específico. Das plantações de bambu chegavam as varetas, já afinadas por uma máquina. E a linha foi aprimorada para uma versão pensada no soltar pipa.

Ao se tornar um produto industrializado, a natureza da pipa se altera. Antes um brinquedo improvisado, agora uma mercadoria de qualidade, que movimenta a economia daquela região. Permitindo que aquelas crianças, que agora já cresceram, possam trabalhar com aquilo que sempre gostaram tanto. Talvez por isso, no Subúrbio Carioca, as pipas não sejam vistas apenas como um brinquedo, mas também como um entretenimento para pessoas adultas, em uma relação parecida com o futebol, por exemplo.

Nos anos 1980 e 1990, a avenida Comendador Teles não era mais tão deserta, as pessoas não paravam de chegar. Os nascidos nessas décadas puderam viver as pipas como nenhum outro. Relatado como o auge, as crianças dessa época, embora ainda enfrentassem uma vida precária, não precisavam mais entrar às matas para procurar bambus, nem revirar o lixo para conseguir algum papel (Imagem 3). As pipas poderiam ser encontradas por centavos em qualquer esquina. Muitos dos fabricantes já conheciam o meio. Soltaram nos anos 1960, aprenderam nas décadas seguintes e, agora, alguns deles dispõem de suas próprias fábricas de pipa. A relação desses com a comunidade e com as pipas muda a cada ciclo, conferindo ao

objeto, ao público e ao indivíduo, um processo interativo em que o ponto de vista de cada pessoa é percebido e o produto da interação retorna à comunidade como cultura, memória e patrimônio.

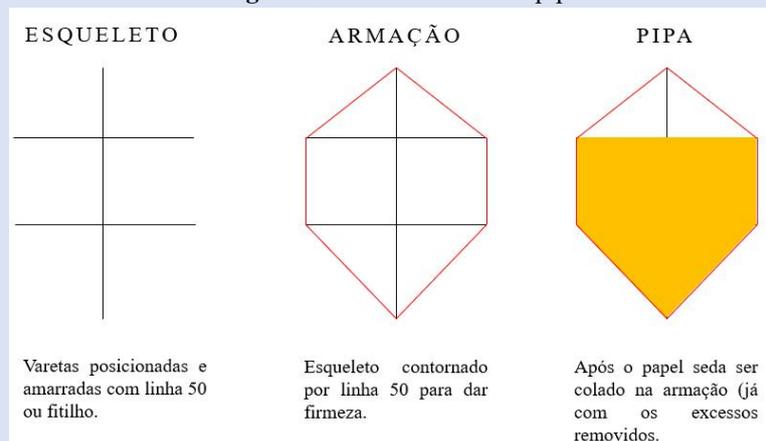
**Imagem 3:** Criança segurando linha para pipa em uma laje no Morro do Turano, 2023



**Fonte:** RioOnWatch.

Atualmente, a pipa é uma tradição de grande força no Brasil (Imagem 4). E como toda tradição, é organizada a partir de experiências históricas. Sobre isso, destaca-se uma das características mais conhecidas da pipa, seus muitos nomes. Considerando o dialeto fluminense, a pipa também pode ser chamada de papagaio, arraia, cafifa, gereco, avião, caixote, ratinho, morcego, estrela, bandeja, cotó, catreco, gaivota, mutuca, cata-vento (Santos, 2016). Embora seja difícil catalogar todos os nomes com precisão, a enorme variedade para um único objeto expressa um ponto importante. Nada que não seja notável recebe um apelido. O renomear da pipa, a marca como um artefato que é importante para alguém, isso é a sociedade em movimento.

**Imagem 4:** Estrutura atual das pipas



**Fonte:** Elaborado pelo autor.

### Palavras sinceras

Anos depois desses acontecimentos, um velho artesão foi ouvido para a confecção deste texto (Imagem 5). Foi ele quem narrou sobre os acontecimentos aqui apontados. Ele brincou como as outras crianças, aprendeu como os outros jovens e fabricou como os outros adultos, assumindo assim, posições diferentes perante a cultura das pipas. Mas e então?

Quanto ao subúrbio, bem... as coisas meio que se encontraram. As crianças que venceram os desafios da sobrevivência, cresceram, formando assim um novo grupo suburbano. Com raízes fortes no local, conseguiram construir seus centros de resistência. Embora aquela região continue bem menos organizada em relação as outras, sua cultura se firmou. O subúrbio carioca não é mais apenas uma localidade de pessoas pobres que servem ao grande centro, mas também o coração do carnaval, da folia de reis, das festas de santo, do metal underground, dos balões, das corridas de cavalo ilegais e é claro, das pipas.

Segundo o artesão entrevistado, a situação das pipas hoje é bem diferente do que era em sua infância. Hoje quase tudo que está relacionado às pipas é feito em escala industrial e vendido em algum grande centro suburbano, Madureira, Nova Iguaçu e Duque de Caxias são exemplos. Quanto ao soltar, as ruas agora dominadas por carros e fiações elétricas, impedem a prática como era no passado. Assim, começam as demandas por pipódromos, bosques ou praças com o espaço aéreo livre, onde os que quiserem podem ser sujeitos ativos na prática e construção cultural.

**Imagem 5:** O artesão, Luis Carlos Ferreira, 64 anos



**Fonte:** Acervo pessoal (2025).

Mesmo contando com melhor aceitação nos dias atuais, a cultura suburbana ainda enfrenta problemas com a institucionalidade. Hoje, é impossível falar de pipas sem falar sobre os cortantes, compostos aplicados sobre as linhas para obtenção de vantagens em duelos. Quando lógica da competitividade se torna maior que a diversão, o objetivo maior é “cortar” a pipa dos “adversários”, e para isso, quanto mais cortante a linha, melhor. Para o artesão, a comercialização de cortantes deveria ser regulamentada. Em sua opinião, controlar a venda de cortantes é uma maneira de manter a cultura viva. Completando sua manifestação, afirma que permitir a entrada da indústria de cortantes no comércio de pipas pode ser a pá-de-cal sobre um movimento que vem perdendo espaço com as novas gerações. A indústria de cortantes, entretanto, continua testando novos compostos ainda mais perigosos, inúmeras mortes e amputações já foram registradas (Bustamante, 2025).

Em suas últimas palavras (da entrevista, é claro), o artesão reforça sua posição como pipeiro, recusando o título de empresário ou empreendedor que atua no ramo. Segundo ele, os empresários não se importam com a arte, objetivando o lucro acima da comunidade. Após isso,

diz temer o fim do ato de soltar pipa, como se a cultura suburbana pudesse lhes ser tomada. Não tive meios para respondê-lo quando me perguntou o que o futuro reserva para os pipeiros. Mas como a vida sempre encontra um caminho, nos presentamos com o direito de imaginar.

As pessoas passam, seus atos ficam, rememorar é necessário. Glória aos artesãos, maior que eles, apenas suas obras.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Pedro Paulo Machado. **O efeito de lugar no rio de janeiro:** uma análise da Tijuca no tempo e no espaço, 2017. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

BUSTAMANTE, Anna. **Armadilha no ar:** mototaxista morre atingido por linha chilena em Duque de Caxias; denúncias já passam de 366 em 2025. In: O Globo. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/05/28/armadilha-no-ar-mototaxista-morre-atingido-por-linha-chilena-em-duque-de-caxias-denuncias-ja-passam-de-366-em-2025.ghtml>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart. **Estrutura Urbana e Representações:** A invenção da Zona Sul e a construção de um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. In: GeoTextos, v. 6, n. 1, 2010, p. 73-88.

DELORME, Maria Inês et al. **Em pauta:** pipa. In: Nós da escola, n. 22. Rio de Janeiro 2004.

GUIMARÃES, Carlos Alex Lima. **Piaçava da Bahia (*Attalea funifera Martius*):** do extrativismo a cultura agrícola. Ilhéus: EDITUS – Editora da UESC, 2012.

GOMES, Flávio. MOREIRA DE ARAÚJO, Carlos Eduardo. **A igualdade que não veio.** In: História Viva, ed. 55, 2008. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20080517045425/http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a\\_igualdade\\_que\\_ nao\\_veio.html](https://web.archive.org/web/20080517045425/http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_igualdade_que_ nao_veio.html). Acesso em: 16 jun. 2025.

IMAGENS da história: Vilar dos Teles, a história do bairro através de fotos. Disponível em: <http://vilar-dosteles.blogspot.com/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

LEVI, Giovanni. 30 anos depois: pensando a Micro-história. In: VENDRAME, Maíra Inês; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Org.). **Ensaio de micro-história:** trajetória e imigração. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016, p. 18-31.

PASQUOTTO, Geise Brizotti. **O edifício cultural como estratégia de intervenção urbana:** A Cidade das Artes na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. 2016. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

PIPA. In: Rio memórias. Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/pipa/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

PIPAS para colorir os céus. In: Cidade das Artes. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/257#:~:text=As%20pipas%20chegaram%20no%20Brasil,atrindo%20principalmente%20crian%C3%A7as%20e%20jovens>. Acesso em: 28 maio 2025.

SANTOS, Leonardo Almeida. **Brincando pelos caminhos do falar fluminense**. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

SANTOS, Carla R. Aguiar. **Pipas no Ar: Um Mergulho no Festival de Pipa do Morro do Turano**. In: Rio in watch. 2023. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=65524>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SHOPES, Linda. A evolução do relacionamento entre história oral e história pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 71-84.

THOMPSON, Paul. A entrevista. In: **A voz do passado: história oral**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 254-278.

TORRES, Gênesis; **História da Baixada Fluminense**. In: Baixada fácil: conteúdo positivo da Baixada Fluminense. 2025. Disponível em: <https://baixadafacil.com.br/historia-da-baixada>. Acesso em: 27 maio 2025.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: **Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. 3ª edição ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p. 31-48.